

As linguagens do futebol em Moçambique:
colonialismo e cultura popular

Nuno Domingos

As linguagens do futebol em Moçambique:
colonialismo e cultura popular

colecção VISÃO DE CAMPO

7 LETRAS]

© 2015 Nuno Domingos

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Coordenação editorial

Isadora Travassos

Produção editorial

Eduardo Sússekind

Rodrigo Fontoura

Victoria Rabello

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D715L

Domingos, Nuno

As linguagens do futebol em Moçambique : colonialismo e cultura popular /
Nuno Domingos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : 7 Letras, 2015.

(Visão de Campo)

ISBN 978-85-421-0332-8

1. Esportes - África - História. 2. Futebol - África - História. 3. Esportes -
Aspectos sociais. 4. Cultura - África. 5. África - História. I. Título. II. Série.

15-21570

CDD: 796.0960

CDU: 796(6)(09)

2015

Viveiros de Castro Editora Ltda.

Rua Visconde de Pirajá, 580 SL. 320 – Ipanema

Rio de Janeiro RJ – CEP 22410-902

Tel. (21) 2540-0076

editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

coleção VISÃO DE CAMPO



“O esporte visto pelas lentes das ciências humanas e sociais”

Coordenação

Bernardo Borges Buarque de Hollanda
Victor Andrade de Melo

Conselho editorial

Profa. Dra. Simoni Lahud Guedes
Prof. Dr. José Sérgio Leite Lopes
Profa. Dra. Mary Del Priore
Prof. Dr. João Malaia
Prof. Dr. Ronaldo Helal

Sumário

Apresentação:	
Pesquisar o jogo de futebol em Moçambique	9
Capítulo 1	
Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano	17
Capítulo 2	
As políticas desportivas do Estado colonial em Moçambique	37
Capítulo 3	
O futebol português em Moçambique como memória social	61
Capítulo 4	
A força dos laços desportivos: associativismo e estruturação urbana no Moçambique Colonial	77
Capítulo 5	
Os usos da narrativa futebolística portuguesa em Maputo	97
Capítulo 6	
Dos subúrbios da Lourenço Marques colonial aos campos de futebol da metrópole, uma entrevista com Hilário Rosário da Conceição	119
Capítulo 7	
Da poesia e do futebol: José Craveirinha e a situação colonial em Moçambique	143
Bibliografia	155

Apresentação:

Pesquisar o jogo de futebol em Moçambique

O conjunto de textos aqui apresentado trata do jogo de futebol – embora por vezes do esporte de forma mais genérica – no Moçambique colonial e pós-colonial. É um livro sobre a história do colonialismo em Moçambique durante o século XX e sobre as suas dinâmicas e heranças pós-coloniais, examinadas a partir de um observatório particular: as práticas e os consumos que envolveram a generalização de um jogo esportivo moderno num território africano colonizado. Neste sentido, também questiona algumas das estruturas sobre as quais se ergueu e ergue a sociedade portuguesa. Do campo de futebol e de todas as suas enormes margens sociais e culturais desenha-se um lugar particular de investigação da história, que muitos consideram ainda menor no quadro da hierarquia dos objetos pesquisáveis. Desse lugar, no entanto, é possível discutir alguns dos temas consagrados da história dos impérios: a ação do Estado colonial, os seus dispositivos de dominação e os limites da sua eficácia; as lógicas de construção imperialista e as suas resistências; as dinâmicas de poder, estratificação e desigualdade social e racial, traduzidas também na constituição de um campo de práticas e consumos esportivos; a estruturação urbana observada a partir das dinâmicas associativas e da constituição de uma poderosa cultura popular tendencialmente mediatizada; as relações entre centros e periferias, a nível local, regional, entre colônias e metrópole e a uma escala mais global; a lógica de apropriação de atividades modernas como o futebol por populações locais que as usaram no seu quotidiano, mas também souberam transformar as suas linguagens, inovando, acrescentando significados e gestos ao jogo.

A análise do jogo e da cultura popular que este criou reforça a imagem de um sistema colonial intrinsecamente iníquo. À sua escala este laboratório permite descrever a passagem desta dominação estrutural para os corpos e para as representações do mundo. Mas este mundo de relações que envolveu a expansão do jogo também gerou autonomias onde se forjaram práticas e consumos.

Estes textos são também sobre o futebol. São textos sobre a história do futebol em Moçambique, sobre os seus principais agentes, jogadores,

clubes, jornalistas, sobre as competições, as derrotas e as conquistas. A sua ação decorre num território onde uma situação colonial fortemente discriminatória condicionou o desenvolvimento do processo de esportivização (ELIAS, 1992, p. 187-215). Esta proposta de análise é extensível aos lugares onde o jogo se tornou numa prática performativa, mas também num espetáculo dirigido a uma audiência. Procura-se aqui explorar as dinâmicas da linguagem corporal do futebol e de como estas, assentes em bases performativas relativamente estabilizadas, definidas inicialmente por um corpo de leis e regulamentos, se relacionam com a sociedade envolvente, mas também como exprimem a institucionalização de um campo de práticas esportivas, com valores e lutas próprios.¹ De uma outra perspectiva, importa inquirir os usos e funções do futebol enquanto fenómeno da cultura popular. Escapando à tendência de considerar a cultura popular como uma simples emanção identitária, independentemente da sua importância no reforço de identificações sociais, é útil criar meios de a tomar como um objeto empírico, interpretado em espaços concretos e em situações históricas determinadas. É possível assim avaliar o modo como a cultura popular futebolística cria um conhecimento específico, um “stock de conhecimento” (BERGER; LUCKMANN, 1967, p. 41), socialmente transmitido pela família, pela escola, nos lugares de trabalho e de lazer; de como os indivíduos usam este conhecimento no quotidiano, manejando-o retoricamente, com base nas suas memórias, identificações e afetos, delineando comunidades de partilhas, mas também de oposições. A funcionalidade social deste conhecimento, transformado num repertório da interação em inúmeras situações sociais, é um dos possíveis eixos de pesquisa sobre o jogo enquanto fenómeno moderno.² Aos indivíduos facultam um meio de relacionamento; estruturalmente, contribuiu para a constituição de redes de interdependências e relações, tanto aquelas que expressam maior proximidade social, como as que desenham vastas comunidades de interesses.

O Moçambique urbanizado, nomeadamente a sua capital, Maputo, é um laboratório específico desse processo histórico e social. Se é impossível perceber o futebol fora das dinâmicas de constituição de sociedades urbanas onde as interdependências sociais se multiplicam e, de forma aparentemente paradoxal, as diferenças entre grupos se acentuam, é fundamental

1 No sentido que BOURDIEU (1996) atribui ao conceito de campo.

2 Revela-se aqui a utilidade da obra de Erving Goffman, nomeadamente a sua teorização sobre a “ordem da interação” (GOFFMAN, 1983, p. 11).

reconhecer as autonomias e lógicas próprias do jogo, espaço de relações sociais muito particular. Enfim, se o futebol pode ser o lugar de onde se observa um processo, é fundamental não esquecer que o futebol faz parte desse processo, condicionando-o à sua maneira; facilita-o, em inúmeras vezes, oferecendo-lhe uma organização prática e simbólica, mas também cria por vezes resistências e atritos; não é apenas uma lente por intermédio da qual se olha para o mundo, mas um agente ativo nesse mundo.

OS CAPÍTULOS

A ordem destes textos segue, com a exceção de um, os ditames da cronologia da pesquisa. O primeiro capítulo traduz um estado de pesquisa inicial, momento para colocar questões e de avançar com um conjunto de problemas que acompanharam o processo de elaboração de um doutorado. Importava então interrogar o lugar do esporte no quadro do colonialismo português ensaiando uma comparação com outros contextos, nomeadamente com o inglês, onde um conjunto de estudos havia já sido produzido. O império colonial português possuía características particulares que convinha atender ao se convocarem interpretações aplicadas a outros territórios onde, por exemplo, a capacidade de intervenção do Estado no terreno era muito mais eficaz, tanto ao nível da coerção como no que respeitava ao exercício de uma dominação mais dissimulada. Poder-se-ia subsumir a história do futebol em Moçambique ao binómio dominação/resistência?³ Como trabalhar as lógicas de apropriação do jogo pelas populações locais em relação aos processos políticos de controlo e disciplina social? De que modo as populações tomaram a linguagem do jogo e a procuraram negociar? Já nesta fase do meu trabalho, o contato com a produção jornalística do poeta moçambicano José Craveirinha,⁴ um apaixonado pelo jogo e pela

3 Sem dúvida que esta questão tem marcado o trabalho de diversos investigadores que têm trabalhado sobre a história do desporto na África portuguesa. Ver a este propósito BITTENCOURT; MELO, 2012 e NASCIMENTO, 2013.

4 José João Craveirinha nasceu em Lourenço Marques, em 1922. Poeta consagrado, jornalista, colaborou em diversas publicações periódicas, nomeadamente em *O Brado Africano*, no *Itinerário*, no *Notícias*, na *Mensagem*, no *Notícias do Bloqueio* e no *Caliban*. Foi funcionário da Imprensa Nacional de Lourenço Marques. Jogou futebol em clubes de Lourenço Marques. Foi preso pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) durante 5 anos. Após a independência de Moçambique foi membro da Frelimo e presidiu à Associação Africana. Foi Prémio Camões em 1991. É um dos mais reconhecidos poetas da língua portuguesa e um dos maiores escritores africanos. A sua primeira obra, *Xibugo*, data de 1964.

sua análise e um autêntico etnógrafo amador, se tornou fundamental para interpretar a história do futebol na cidade de Lourenço Marques.

O segundo capítulo procura interpretar a dinâmica das políticas estatais na área do esporte que intervieram na formação de um campo de práticas e consumos esportivos em Moçambique. As lógicas discriminatórias que fundaram a institucionalização do Estado nos territórios coloniais, impondo uma divisão matricial entre indígenas e civilizados, estenderam-se às políticas esportivas. A evolução das medidas estatais na área do esporte acompanhou o desenvolvimento da ideologia colonial, condicionada pelas pressões impostas por períodos históricos marcados por transições, como a decorrente do desfecho da Segunda Grande Guerra e aquela que envolveu o processo de descolonização na África. As conquistas e fracassos destas políticas esportivas constituem também um bom índice de avaliação da capacidade do Estado colonial em controlar a organização social e os meios que procurou utilizar para alcançar tal desiderato. É essencial, no entanto, perceber a evolução das políticas esportivas do Estado atendendo às próprias lógicas de um campo que, em grande medida, dependia do associativismo, do trabalho dos clubes e das federações na criação de competições oferecidas ao público. Defensor de um modelo esportivo amador, baseado na prática da ginástica, o Estado pretendeu controlar as associações, hipotéticos focos de instabilidade política, mas não bloqueou a força social de um jogo como o futebol, que rapidamente se desenvolveu enquanto espetáculo público mediatizado, congregador de coletivos e vontades.

Em “O futebol português em Moçambique como memória social”, persegue-se a resposta a uma questão específica: como interpretar a continuação do interesse dos moçambicanos pelo que chamei de “a narrativa do futebol português”? Hoje em Maputo acompanha-se de perto as aventuras do campeonato português e dos seus maiores clubes, sem dúvida os mais populares em Moçambique. Constatando esta realidade é lícito sugerir a existência de uma nostalgia pelos tempos do império? Ou, como alguns críticos moçambicanos sugerem, trata-se de mais um exemplo de neocolonialismo? Contra interpretações totalizadoras e imediatas, este capítulo pesquisa a formação destas filiações esportivas durante o tempo colonial, como se reproduziram, se tornaram hegemônicas e sobreviveram ao período de independência, até hoje. No texto seguinte, “A força dos laços esportivos: associativismo e estruturação urbana no Moçambique colonial”, prolongam-se as linhas de interpretação do capítulo anterior. A transformação do

jogo de futebol, em contextos de urbanização, num conhecimento social específico, usado pelos indivíduos enquanto meio de identificação quotidiana em inúmeros encontros sociais, é aqui relacionado com a atividade do movimento associativo. De que forma o associativismo esportivo ajudou a produzir identificações, práticas e consumos? O que distinguia este tipo de associativismo, maioritário em todos os distritos moçambicanos no período colonial, de outras formas de associação? O clube de futebol transformou-se num ator singular da vida urbana. Não apenas contribuiu para a sedimentação de redes de proximidade, unidas por identificações diversas, como beneficiou do crescimento das redes de interdependências urbanas, ajudando a criar laços entre diferentes grupos populacionais. A mediação de alguns destes clubes converteu-os em células de um conhecimento, alimentado pelas competições regulares em que participavam, e largamente difundido, não apenas a nível local, mas por vastas parcelas do território. Estas partes territoriais passavam a estar unidas pela informação que circulava pela imprensa e pela rádio (mais tarde pela televisão e hoje também pela internet). Na dinâmica do processo de esportivização, a fase da territorialização associativa, fundamental para a institucionalização do futebol moderno, deu lugar a uma mediação que concedeu ao futebol poderes extraordinários. A força difusora da mídia transformou os maiores clubes em entidades nacionais e em alguns casos globais.

“Os usos da narrativa futebolística portuguesa em Maputo” situa-nos no Moçambique contemporâneo. A mesma gramática conceitual ajuda a questionar os usos do conhecimento social proporcionado pela narrativa do futebol português na capital do país. Dialogando com as pesquisas sobre migrações, este texto discute o discurso prescritivo, produzido e patrocinado pelo Estado, que assume a existência de “comunidades” homogêneas nos seus hábitos e preferências. A partir da pesquisa sobre as identificações esportivas na cidade de Maputo procurou-se perceber como portugueses e moçambicanos se relacionam com o futebol, como o integravam nos seus estilos de vida, necessariamente decorrentes de uma posição de classe. Esta análise permite perceber o lugar destas “comunidades” numa estrutura social complexa, cuja lógica, enfim, acaba por colocar em causa essa mesma ideia de comunidade. Neste mundo de relações contemporâneas as velhas representações coloniais continuam bastante efetivas.

A entrevista ao jogador moçambicano Hilário Rosário da Conceição, atleta que brilhou na década de sessenta, tanto no Sporting Clube de

Portugal como na seleção portuguesa, permite interrogar o processo histórico em Moçambique a partir da análise de uma experiência individual. Evitando os perigos da ilusão biográfica,⁵ o exame da singularidade deste percurso oferece uma descrição única de como se viveram momentos fundamentais da história moçambicana e portuguesa do século XX; possibilita testar explicações estruturais sobre o colonialismo português, sobre as relações de poder e os processos de mobilidade social, mas também enunciar brechas nestas análises macrossociais, as tensões, as negociações, as contradições. Nascido num bairro pobre do subúrbio de Lourenço Marques, filho de uma africana e de um pai português incógnito, Hilário cresceu na periferia da cidade, onde era um “mulato de segunda”. Devido ao seu talento, quebrou a barreira racial que prevalecia no futebol da capital de Moçambique. O primeiro não branco a jogar no Sporting de Lourenço Marques, partiu para Lisboa em 1958. O modo vivido, mas por vezes cauteloso e ambíguo, como se refere ao seu passado resulta certamente deste itinerário fragmentado, que torna a história, visto pelas suas memórias, menos linear e simultaneamente mais interessante.

Por fim, em “Da poesia e do futebol: José Craveirinha e a situação colonial em Moçambique”, retorna-se à pesquisa da linguagem do futebol. Mais uma vez, os textos de Craveirinha sugerem caminhos inovadores para expor a natureza do diálogo entre uma atividade com regras definidas e processos de criação relativamente organizados, e a sociedade envolvente. Este encontro entre linguagem formal e sociedade traduz-se em performances situadas que podem ser descritas como a emanção corporal de um certo estilo de jogo. Rompendo com visões conservadoras sobre o futebol, Craveirinha atribui-lhe um estatuto enquanto objeto de pesquisa histórica e etnográfica semelhante, em muitos aspectos, à sua arte poética, também ela um exercício de apropriação de uma linguagem específica. O estudo do futebol enquanto linguagem é tão importante para perceber os processos de criação individual e coletiva que rodeiam o jogo, como para, a partir deste idioma, o pesquisador interpretar os grandes processos históricos e sociais. Agradeço às direções das revistas *Análise Social*, *Cadernos de Estudos Africanos*, *Lusotopie*, *Textos e Pretextos*, *Etnográfica* e à editora Afrontamento a permissão para a publicação destes textos.

5 Como se lhe referiu BOURDIEU (1986).

Este livro é publicado numa coleção, *Visão de Campo*, que tem editado de forma sistemática importantes trabalhos sobre a história do futebol e do esporte, revelando um particular interesse em obras sobre o esporte nas antigas colônias portuguesas.⁶ O trabalho desta coleção nesta área específica prossegue os esforços de um projeto coletivo que junta um conjunto de investigadores, sobretudo de Portugal e do Brasil⁷. Este livro beneficiou sem dúvida do contributo de colegas que, de uma forma ou de outra, se têm encontrado, para trabalhar sobre temas comuns. Agradeço especialmente ao Victor Andrade Melo, diretor da coleção, ao lado de Bernardo Buarque de Hollanda, ao Marcelo Bittencourt, ao Augusto Nascimento, ao Maurício Drummond, à Andrea Marzano, à Vivian Fonseca, ao Paulo Jorge Fernandes, ao António Jorge Gonçalves Soares, ao José Neves, à Nina Tiesler, ao Luiz Carlos Ribeiro, ao Sílvio Correa, ao Fábio Peres, ao Fernando Borges, à Bea Vidacs, ao Pedro Gomes, ao Marcos Cardão, ao Rahul Kumar, ao Victor Pereira, ao João Sedas Nunes e ao Frederico Ágoas, entre outros que, de que uma forma ou de outra, têm participado em projetos, conferências e obras publicadas. De forma mais genérica este livro é também devedor da dinâmica da universidade brasileira, de todo um conjunto de iniciativas, debates e polémicas que torna o estudo do futebol e do esporte um objeto mais rico.

6 Veja a este propósito a obra de NASCIMENTO (2013) sobre o desporto em São Tomé e Príncipe.

7 Vários autores que participaram neste projeto coletivo já haviam publicado outras obras sobre o tema, nomeadamente MELO; BITTENCOURT; NASCIMENTO (2010) e MELO (2011).

Capítulo 1

Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano¹

Muitos dos princípios analíticos utilizados em estudos acerca do papel desempenhado pelo esporte em meio colonial, nomeadamente em trabalhos sobre as possessões francesas e britânicas, suscitam questões aplicáveis à análise do caso português. O benefício trazido pela comparação entre modelos nacionais não dispensa, porém, um escrutínio mais singular, que remeta o objeto para o contexto particular das sociedades em estudo. A hipotética especificidade portuguesa deve ser estilhada em estudos sobre espaços de colonização concretos, pela investigação das estruturas sociais locais, das dinâmicas regionais, dos padrões de desenvolvimento. Assume-se, assim, que a evolução das formas esportivas resultam de um encontro, e não de uma imposição incontestada das práticas do colonizador. O processo de apropriação de transformação local de elementos culturais introduzidos pelo colonizador pode ser enquadrado conceptualmente por expressões que exprimam a dinâmica do encontro colonial, como por exemplo o conceito de “crioulização”.²

1 Publicado originalmente em *Análise Social*, v. XLI, n. 179, p. 397-416, 2006. Este artigo tem origem num projeto de doutoramento sobre a história do futebol em Moçambique durante o período colonial realizado no departamento de Antropologia e Sociologia da School of Oriental and African Studies, Universidade de Londres. Encontrando-se na fase inicial, a investigação carece de uma pesquisa empírica profunda, em especial no que respeita à sua dimensão etnográfica. É ainda frágil o encadeamento lógico de factos e o desenvolvimento de interpretações decorrente dos debates que cruzam um tema como este. Vou procurar, deste modo, restringir este artigo às informações e interpretações que, desejavelmente, poderão alicerçar um todo coerente. As perguntas surgirão em maior número do que as respostas, as hipóteses sobrepor-se-ão às conclusões. Alguns espaços ficarão em branco, apesar das intuições sugerirem, por vezes, respostas categóricas.

2 O conceito de “crioulização” é usado, no contexto africano, pelo antropólogo Ulf Hannerz (1997). Nos estudos sobre futebol, Armstrong e Giulianotti, na introdução ao volume que organizaram sobre futebol na África referem que: “A introdução e a inculcação do futebol na África é simultaneamente uma história de colonização cultural pelos europeus e de adaptação cultural, ou crioulização, por parte das populações africanas”. (ARMSTRONG; GIULIANOTTI, 2004, p. 8). Embora a utilização de conceitos como “crioulização” ou “indigenização”, que Appadurai usou para estudar o críquete na Índia (1996), ou ainda “nativização”, que Gregório

O estudo sobre a “crioulização” do esporte na África pode cumprir a função de laboratório a partir do qual se observam dinâmicas mais vastas. No entanto, é essencial que tal abordagem não ofusque a análise do esporte como singularidade, como expressão original de processos históricos complexos. Este artigo procura desenvolver uma abordagem inaugural à apropriação e transformação do jogo de futebol em Moçambique.

* * *

Resumir a análise do esporte na África à introdução dos esportes europeus modernos não é assunto totalmente pacífico. Alguns autores defendem não ser correto estabelecer uma divisão rígida entre formas esportivas introduzidas pelas colonizações europeias e outras práticas atléticas tradicionais. A primeira parte do volume *Sport in Africa* (BAKER; MANGAN, 1987) uma das primeiras obras a tomar o tema como objecto autônomo de investigação, é dedicada ao estudo de “formas esportivas” não modernas. John Blacking, num dos textos do volume, sugere que as funções sociais desempenhadas pelo esporte moderno na África não seriam substancialmente diferentes daquelas decorrentes das *performances* atléticas tradicionais como a dança ou a luta (BLACKING, 1987, p. 5). Precisar as continuidades entre atividades atléticas tradicionais e as novas modalidades trazidas pelos colonizadores europeus constitui um dos aspectos centrais na investigação das configurações esportivas na África. É importante considerar, no entanto, que a introdução dos esportes modernos ocorreu num período de grande transformação nas sociedades africanas: fortes alterações radicais nos sistemas de trabalho, processos rápidos de urbanização, intensificação do controlo do Estado sobre os territórios e os indivíduos, alteração de sistemas familiares, mudanças nas hierarquias tradicionais.

Grande parte dos estudos sobre esporte em meio colonial, seja qual for o continente em causa, discute o seu papel em contextos de mudança social. Vários investigadores que analisaram o caso das colónias britânicas preocuparam-se, primeiramente, em perceber a utilização do esporte como

Firmino aplicou para estudar a apropriação da língua portuguesa em Moçambique (FIRMINO, 2004), seja bastante útil no modo como oferece uma dinâmica ao encontro colonial, atribuindo ao indivíduo colonizado uma capacidade para recriar formas culturais, estes conceitos não deixam de encerrar o perigo do essencialismo. O que se ganha com a enunciação da dialética do encontro pode perder-se com a absolutização das “culturas”, reduzindo-se os indivíduos e os processos a uma espécie de narrativa de blocos culturais (muitas vezes nacionalizados) tidos como relativamente homogêneos.

utensílio do exercício de poder. Estes trabalhos, focando o esporte, inserem-se no âmbito de um debate mais vasto: o do papel desempenhado pela cultura na manutenção do império inglês. Bernard Cohn é um dos autores cuja obra é orientada precisamente para a análise dos efeitos sociais e políticos da “cultura do colonialismo”. No prefácio a uma obra de Cohn, *Colonialism and Its Forms of Knowledge*, Nicholas B. Dirks resume assim os pressupostos da análise do colonialismo centrada na relevância das variáveis culturais:

a conquista colonial não resultou apenas do poder de armas mais fortes, da organização militar, do poder político, ou da riqueza económica – por mais importantes que estes factores tenham sido. O colonialismo foi tornado possível, e depois sustentado e reforçado, tanto por tecnologias culturais de governação como pelas mais óbvias e brutais formas de conquista que inicialmente estabeleceram o poder nas costas estrangeiras [...] não tem sido suficientemente reconhecido que o colonialismo foi em si mesmo um projecto cultural de controlo. (COHN, 1996, p. ix)³

J. A. Mangan (1992) e Brian Stoddart (1988) incluem-se no leque de autores que estudaram o esporte a partir desta perspectiva.⁴ Mangan introduziu a “bond theory”, argumentando que as práticas esportivas colaboraram na criação de “laços culturais” entre colonizador e colonizado. A estrutura destes laços determinaria a aceitação das práticas e valores dos colonizadores pelas populações autóctones, o que conduzia a uma legitimação política. Este autor menciona a exportação do que designa por *homo ludens imperious*:

Por todo o império homens desportistas, e em muito menor escala mulheres desportistas, bem como os locais de prática desportiva, foram reconhecidos agentes deste processo de ligação. Através deste processo a dominação, o controlo e contacto criaram ligações culturais entre a Grã Bretanha os seus domínios e colónias que afectaram irrevogavelmente a natureza das culturas indígenas, as relações políticas, e as percepções dos subordinados sobre os seus superiores e vice versa. (MANGAN, 1992, p. 3-4)

Brian Stoddart prossegue uma linha de investigação similar, concebendo o esporte colonial como um veículo transmissor de ideias, crenças, valores e convenções que contribuíram para consolidar a missão imperial.

3 Todas as traduções neste texto são da responsabilidade do autor.

4 Esta linha de estudo sobre esporte colonial terá sido inaugurada pelo trabalho pioneiro de C. L. R. James (1963), intitulado *Beyond a Boundary*, livro autobiográfico sobre a experiência do autor nas Índias Ocidentais, nomeadamente sobre a importância do críquete.

Os jogos foram instrumentos socializadores, inculcando disciplina, espírito de grupo, respeito pela hierarquia e pelo ritual, momentos de reprodução de uma condição social inerente a um estatuto de civilização nacional. Os guardiães dos valores integrantes de uma “forma de ser inglês,”⁵ tornavam-se em grupo de referência e os seus hábitos de lazer tendiam a ser mimetizados por elites locais, forma de consolidar mecanismos de governação indireta (CANNADINE, 2001). No caso britânico, os agentes da estratégia cultural eram os membros da administração colonial, transmissores do *ethos* esportivo *vitoriano* assimilado nas escolas de elite especializadas na formação de quadros coloniais, as denominadas *public schools* (HARGREAVES, 1986; MANGAN, 1992).

Esta imagem da introdução do esporte pelo império britânico, centralizada num projeto de dominação, com agentes bem identificados, e esportes prediletos, parece, porém, não se revelar totalmente adequada ao caso da introdução do futebol na África. Por um lado, a colonização africana apresentava características singulares. Por outro, ao jogo de futebol não podiam ser aplicados os mesmos princípios de análise que sustentavam a história colonial de esportes como o críquete ou o ténis.

Harold Perkin (1992, p. 216) nota que o jogo não fazia parte das práticas esportivas de elite, exportadas para o “mundo inglês” pelos quadros coloniais provenientes de Cambridge e Oxford. O futebol profissionalizara-se precocemente em Inglaterra. A sua origem aristocrata, nas já referidas *public schools*, deu lugar a uma prática popular cujo processo de profissionalização, e a concomitante promoção de jogadores da classe operária, chocava com o *ethos* amador e elitista que se manteve vivo em esportes como o rãguebi ou o críquete.

Como refere Hutchinson:

O futebol foi a mais notável contribuição da Grã Bretanha para o esporte internacional e para indústria do entretenimento global. Distinguia-se dos grandes jogos imperiais sobretudo porque o futebol raramente foi o esporte escolhido pelas classes governantes: não viajou com os corpos diplomáticos, mas nas mochilas e malas de viagem dos soldados, comerciantes, trabalhadores do caminho de ferro, mineiros e professores. Foi raramente trazido para os países colonizados juntamente com o cristianismo, os sistemas jurídicos britânicos; é por esta razão que o futebol – o mais bem sucedido dos esportes imperiais – vingou mais na maior parte dos países do mundo do que nos velhos domínios,

5 Vários autores chamaram a esta forma de ser inglês como *englishness*.